

---

**Ver para fazer ver**  
**por Antonio Candido, 2010**

---

A boa fotografia equivale sempre a uma reforma do nosso olhar. Sobretudo quando se trata de fotografias que surpreendem o momento fugidio da cidade, como estas, de Cristiano Mascaro, mestre na sua arte difícil.

A rua está aí. Casas, postes, fios, carros, transeuntes nos quadros de tijolos, cimento, pedras, asfalto. Estou entre eles, sou parte deles, por isto mesmo não os vejo. Apenas os enxergo, vagamente, “voltado para a vida, absorto na vida” segundo o poema de Manuel Bandeira. Como parte do fluxo, sou incapaz de perceber a prodigiosa realidade plástica, móvel e imóvel que me envolve e me arrasta, banalizada pelo desgaste do cotidiano, pelo automatismo do hábito. Neste ponto, surge o fotógrafo com a sua câmera e me ensina a ver. O conjunto de colunas torna-se então uma floresta mágica

de concreto; um trecho de rua visto de cima parece um tecido raro plantado de hastes, riscado pelas suas sombras; o ciclista no cruzamento é um aventureiro prestes a enfrentar as listas de passagem de pedestres como se fossem ondas no asfalto. Capaz de construir à medida que vê, Cristiano Mascaro me mostra a renda de ferro de uma sacada, bordando o pedaço de parede ocupado por uma porta ladeada de janelas, destacando-o da fachada onde estava dissolvido e transformando-o num quadro inesperado. Com a simples escolha de um bom ângulo, transforma agora um correr de casas, vistas de esguelha, numa espécie de teclado arquitetônico desenhado pela abertura estranha de janelas-frestas, modulado pelos contrastes de luz. Depois, é um operário incrustado na sombra densa, mas ressaltado na sua humanidade pela parede clara que o recupera. Aqui são prédios altos vistos em planos de tonalidades diferentes do preto ao esfumado, compondo um painel abstrato. Mais adiante, os trilhos da estrada de ferro saem da estação como paralelas vertiginosas em busca de seu infinito, prontos para cortarem a “cidade tentacular”.

Ruas, casas, arranha-céus, veículos, pessoas, vistos de longe ou de perto, isolados ou em conjunto, claros ou escuros, no todo ou em parte, na madrugada, no dia, na noite são todos deste modo manipulados pela imaginação do fotógrafo com a mirada criadora revestida pelo olho dirigido da máquina. E nós percebemos que a cidade foi reinventada, oferecendo ao nosso olhar desarmado uma realidade que não suspeitávamos, porque é a realidade tornada essencial graças à seleção operada pela maestria do artista. Isto é, Cristiano Mascaro.

“Por um bom tempo orgulhei-me de possuir todas as paisagens possíveis”

Rimbaud

Cristiano Mascaro caminha pelas cidades com seu equipamento, câmara e tripé, observando, espreitando, esperando, procurando não sabe bem o quê, até que finalmente encontra: a silhueta monumental de uma construção isolada num arrabalde qualquer, as sombras longas largadas por carros e caminhões que, vistos do alto do viaduto, vão em fila desaparecendo na rodovia, o ritmo miúdo e sincopado das luzes se acendendo no anoitecer da metrópole transformando-a numa maquete, a névoa de poluição que faz da paisagem do aglomerado acidentado e cinza de prédios um mosaico, entre tantas outras imagens das quais agora, na Galeria Nara Roesler, ele nos apresenta apenas uma pequena parcela, tornada menor ainda por se limitar a ângulos de cidades, frações fascinantes pertencentes a lugares variados, muitos dos quais passamos todos os dias mas sem reparar, porque nunca estamos atentos e porque aquilo que vemos do interior de carros e ônibus é muito diverso do que se vê caminhando. O ato de caminhar consiste no método de Cristiano Mascaro, o meio pelo qual ele experimenta, vivencia a cidade, percebe-a em seu próprio corpo, conhece-a a fundo, pressentindo os momentos exatos em que alguns de seus segredos se revelam, o que inclui situações atmosféricas precisas, decorrentes da conjunção entre hora e luz exatas, e que tanto pode ser com o céu nublado ou de noite ou depois da chuva, quanto com o sol a pino; os momentos agudos em que a cidade, a maneira de uma retribuição, abre-se para o fotógrafo, enquanto que para nós, indiferentes, ela prefere manter-se como enigma.

Nosso fotógrafo peregrina pelas cidades do mundo, qualquer seja ela, de metrópoles a pequenas cidades mortas, ou simplesmente para o centro de São Paulo, cidade inesgotável como as outras mas na qual ele cresceu, estudou e trabalha, embora há muitos anos prefira viver num sítio retirado próximo a ela. Essa prática ambulatória exige muita paciência. Como exemplo disso, vale lembrar o longo período em que ele, interessado nos cânions existentes na região central de São Paulo, foi se hospedando semanalmente em hotéis diferentes, uma a duas noites em cada um deles. A ideia era menos pesquisar suas imediações, tomar intimidade com elas, do que conferir a paisagem entrevista em suas coberturas e janelas mais altas, as ravinas estreitas e abissais produzidas pelos edifícios, margens escarpadas dos rios secos das ruas por onde escorre o tráfego perpétuo do cardume de carros.

O deslocamento vertical é um dos vetores preferenciais da movimentação de Cristiano Mascaro, uma exploração minuciosa dos pontos de vistas oferecidos pela infinidade de ruas e edificações construídas em obediência às variações próprias dos terrenos em que estão assentados, além daqueles mais artificiais, existentes graças às retificações abruptas, as movimentações de terra radicais, como as retificações que “endireitam” o desenho sinuoso dos rios. O resultado disso se traduz desde as imagens monumentais em que empenas de prédios e casarios são capturados de baixo para cima, impondo-se a nós, até as imagens vertiginosas que se descortinam das cotas mais altas, dos topos dos arranha-céus, e que, convertidas em foto, obtêm o curioso efeito de miniaturizarem o mundo. No meio disso há aquilo que se vê quando se atravessa passagens e pontes mais ou menos elevadas, o horizonte emparedado por prédios, o trem do metrô mergulhando no coração nublado da megalópole, o efeito ascensional obtido na fachada do edifício de escritório, desencadeado pelo intervalo regular das faixas escuras das lajes em contraposição aos feixes paralelos e verticais das lâmpadas fluorescentes.

O corpo do fotógrafo é um poderoso aliado no escrutínio do corpo da cidade. Caminhando ele avança por suas frestas e interstícios, até o ponto das imagens claustrofóbicas de paredes e muros, e afasta-se aos limites, às bordas das cidade, às linhas tênues que as separam da natureza.

---

**A cidade oculta**  
por Ferreira Gullar, 2006

---

Muito cedo Cristiano mostrou interesse pelos dois elementos que iriam constituir a sua produção artística: interesse pelos fatos e elementos da vida urbana, desde o movimento de automóveis e bondes até a altura dos arranha-céus e o ir-e-vir das pessoas pelas avenidas e praças. Em seguida, veio o seu interesse pela fotografia e pela arquitetura, que se manifestam quase ao mesmo tempo, e conjuntamente o acompanharão nas atividades de universitário como, mais tarde, na vida profissional.

Ao longo dos anos, Cristiano incorpora ampla experiência humana e profissional, que irá constituindo o substrato de sua arte. E assim vai inventando-se fotógrafo da cidade, mestre de uma linguagem visual que se apura e se enriquece a cada dia, a cada nova incursão no labirinto de espantos que é, para ele, a cidade.

Quando o menino Cristiano se encontrou com a vida efervescente das ruas de São Paulo, o movimentar dos bondes e das pessoas, estava redescobrando este vínculo milenar que nos une à cidade, à existência urbana da espécie – e que, ao mesmo tempo, tanto nos diferencia do homem primitivo, mais próximo da natureza, mais dependente dela, mais submisso, não apenas a suas leis, como a seu mistério e fascínio.

Aquele cenário de flora e fauna encantadas foi substituído, graças à invenção humana, por um espaço mecanizado e técnico, constituído de edifícios e veículos, de avenidas e viadutos e montado numa infra-estrutura complexíssima em que se congregam as redes do serviço de água, de eletricidade, de comunicações.

Há fotógrafos que fazem da paisagem natural, com suas montanhas e arvoredos, seu tema preferido. Mas não Cristiano Mascaro, fotógrafo do espaço urbano.

Se ele começou a buscar a imagem rara através das ruas de São Paulo, depois estendeu a sua busca a outras cidades, indo do Rio de Janeiro a São Luís do Maranhão, de Belo Horizonte a Salvador, de Ouro Preto a Pelotas, mas não para fotografar os chamados “cartões-postais” dessas cidades, não para registrar o testemunho redundante que qualquer fotógrafo registraria e, sim, para revelar novos aspectos desses espaços urbanos desconhecidos até mesmo de seus moradores. E nesta busca do ainda não visto, Mascaro nos faculta a vibração da poética das ruas, nos arrasta através da cidade desconhecida, oculta na cidade que supomos conhecer.

---

## A Universalidade do Interior por Ignácio de Loyola Brandão, 2000

---

Ou um conto em cada foto. Tudo ainda está calmo. O garçom atravessa a cena que dentro em pouco estará lotada. A avó carrega o neto e dá uma inspecionada. Mas o grande momento da foto é a menina que se inclina sobre a mesa, fascinada pelos doces. Hipnotizada pela antecipação das delícias que a bandeja oferece. Mascaro é fotógrafo de atmosferas. Narra com simplicidade. Não se deixe enganar, olhe duas vezes e sentirá que as coisas se modificam. Ele secciona a realidade e extrai pequenos e grandes momentos. Nesse revelar desvenda a alma paulista. O que interessa é o homem, mesmo quando ele está ausente da foto. O que pensa esse garoto que, intrigado, contempla a própria sombra na areia? O sol atravessa o manto e as asas diáfanas de uma borboleta ou mariposa que desfila na Parada Gay conferindo a sensação de suprema felicidade. Mistério: o que conversam, que trocas fazem as duas mulheres de saia preta e blusa branca encostadas a uma parede?

O posto vazio, à noite, com luzes fantasmagóricas, lembra um quadro de Gregório Gruber. Os pintores no alto do muro podem estar preparando uma pintura de Mondrian. O homem que estende os braços, preparando-se para defender o chute na solidão de um campo de várzea, poderia ter sido inspirado no romance de Peter Handke, O medo do goleiro diante do pênalti. Os dois cavaleiros na linha do horizonte, acompanhados pelo cachorro, nos remetem a Kurosawa ou a Gabriel Figueroa, o lendário fotógrafo mexicano. Conjuntos residenciais, uniformes, monótonos, nos colocam dentro de Central do Brasil, o filme de Walter Salles. Se eu quisesse, traria uma ou vinte associações para cada foto de Cristiano Mascaro. Para mostrar sua universalidade quando nos traz imagens que definem São Paulo, o homem paulista. Cada foto tem potencial para ser um conto. Elas são sugestivas. Idéias rolam. O motociclista que atravessa a rotatória torna-se ficção: um homem não consegue sair da estrada e gira interminavelmente, até enlouquecer. O jovem bebe cerveja e espera a chegada daqueles que vão assassiná-lo? Mas esse é 14 um conto de Hemingway (Os assassinos) e um filme clássico com Burt Lancaster. O rapaz de boné vê sua mão acariciada por um rapaz de camiseta preta. Amor? Ou comprador e vendedor num mercado alternativo? Quantas versões uma imagem produz em nossa mente? O fotógrafo registra o que vemos? A fotografia é obra aberta, interminável. Jogo de ilusão. O que parece ser, não é. O que não é, é. O que é, não é. Artimanhas do artista para com seu público.

Interior de São Paulo. Interior do mundo. O que marca um paulista? O que caracteriza o interior? Somos iguais, sendo diferentes. Somos universais, sendo interioranos.

Globalização. Rodovias interioranas ou californianas. A praia pode ser o Lido de Veneza. As fotos desvendam solidões, esperanças, espaços vazios e tensos, alegrias simples, explosões (a torcida corintiana).

O que me impressiona são os olhares. Ainda que não se vejam os olhos, nós sentimos, intuímos, tão forte é o clima. A bilheteira do parque de diversões vazio pensa no quê? No amado, nas contas a pagar, na esperança de mais público na próxima cidade? O mesmo olhar está na negra encostada à janela de um barco que atravessa as águas. O que contempla o caboclo de camisa estampada e chapéu surrado no botequim. Ou o senhor sentado numa cama, num cômodo despojado que tanto pode ser hotel de viajantes quanto asilo. O fumante com o rosto envolto nas espirais de fumaça desfruta apenas do prazer de uma tragada que enche o peito? Peões contemplam os céus ou fecham os olhos, buscando coragem. Tão concentrado na oração quanto o peão está o fiel que se protege da chuva com uma capa plástica descartável. Assim como se mostram cheias de devoção as mulheres que acabaram de acender velas, invocando poderes sobrenaturais. Centenas de ônibus conduziram os peregrinos a Aparecida. Fé nada tem a ver com educação, o chão do estacionamento é imundo. O serralheiro tem o olhar desafiador, enquanto numa rodoviária há ansiedade no rosto da mulher

com camiseta estampada Catch. Num terminal, o que o pai explica ao filho? O garoto tem o olhar encantado, abismado; a mulher atrás está desconfiada. O que procura aquele homem num matagal em que as hastes estão embaralhadas como novelo de linho mexido por um gato? O gordo espera o engraxate? Já engraxou e quer o troco? Ou sentou-se para descansar? Concentrado no seu ofício está o fabricante de violões. Preocupado com o som perfeito que deve produzir? O tatuador enfia agulhas, enquanto o cliente exprime dor, admiração, expectativa. Escolheu certo o motivo? Certa é a diversão que o macaco na jaula proporciona aos garotos. O avô gordo brinca com a neta, não convencido dos deveres afetuosos. Alguma 15 coisa muito forte desviou, subitamente, a atenção dos jogadores de pebolim. Puro prazer está no rosto do menino cujo balanço o conduz alto, mais alto. O veterinário (ou o dono?) mostra-se preocupado com o animal prostrado num chão de cimento cru.

Na platéia do Teatro Municipal de São Paulo a senhora passa o fio dental nos dentes; atitude insólita no intervalo de um concerto. Em outra foto, batida em um restaurante popular – ou seria uma festa? –, outra mulher tem um gesto idêntico, levando comida à boca. A semelhança na colocação das mãos é espantosa, as cenas dão a impressão de ter sido produzidas e no entanto foram feitas em locais diferentes, distantes. Num mercado, a vendedora emerge das frutas, pinhas, melões, ameixas, uvas, pêssegos. Imobilizada, como se estivesse sitiada. Num terreno acima do mar, o casal parou a bicicleta e, indeciso, contempla caminhos. Vejo uma história. Os dois decidem seu destino, sua vida, a relação. Estão iniciando ou terminando? A todo momento, Cristiano Mascaro propõe a nossa participação. Um funcionário delimita com cal a grande área e a meia-lua de um campo de futebol. A cal é suave nuvem branca pairando sobre o sulco que será pisoteado pelos jogadores. Engalanase o campo para o final de campeonato? A estrada brilha como prata; para onde vai? Duas meninas curiosas tentam entreolhar por uma porta entreaberta. Alguma coisa alegre vai acontecer do outro lado e elas participarão. Apenas querem entrar antes.

O que não há aqui são peões corcoveando no lombo de um boi bravo. Nem quermesses. Não há co-retos ou footings, churrascos ou bailes de debutantes, shows em conchas acústicas ou procissões, festas de casamento, gente de botas ou chapelões, moças em vestidos de chita, não há festas juninas nem shopping centers, não há mansões de ricos emergentes, não há caipiras acocorados, não há bordéis e cabarés com dançarinos de bolero nem locomotivas enferrujando em pátios abandonados, não há carroceiros nem charretes, nem o Edifício Copan e a Avenida Paulista inexistem, assim como o Ibirapuera. Não há clichês, estereótipos, lugares-comuns sobre São Paulo e o interior. Não há o visto nem o repetido. Nem por um momento se pensa no déjà vu.

Porque não se viu, se está vendo. Não há “grandezas” prefabricadas nem ufanismos. O que se vê é visão única, a partir da qual se pode repensar a maneira de capturar as coisas, olhar para um estado e seu povo e definir o que é ser paulista. Painel que devassa. A câmera varreu amorosamente a terra e a gente. Mais do que um documentário sobre o interior, este é um livro sobre mistérios, buscas, curiosidades, momentos de fraqueza ou certeza, solidão, festas, exaltação, domingos, feriados, vazios, bucolismo, camuflagens, tranqüilidade. Sobre a universalidade.

### Nota do editor

Uma grande idéia não se discute. Nela, talvez identificável porque vem aquecida pela chama da inspiração, crê-se, ou não. É mesmo uma questão de fé, já que ela não se constrói com argumentos tangíveis. Então, diante dela, diz-se sim, ou não. Foi assim, com fé numa grande idéia, movido talvez apenas pela intuição, que eu disse sim quando Cristiano Mascaro procurou a Editora para realizar seu antigo projeto de fotografar o Estado de São Paulo.

Certamente por não estar familiarizado com sua obra, eu tinha o Cristiano em conta de fotógrafo eminentemente “urbano”. Tolice. Os rótulos não colam no artista de verdade. O que se vê como resultado deste seu trabalho não são imagens “urbanas” ou “rurais”. São apenas maravilhosas cenas de um cotidiano que ele foi capaz de captar como “um observador discreto e silencioso, se possível invisível”. Mais do que isso, como um grande fotógrafo que – alvissaras! – não está preocupado em denunciar nada, mas com “a aparente desimportância de certos acontecimentos”. É pura arte.

Há ainda uma outra circunstância que torna quase obrigatória a edição deste trabalho sob o selo SENAC. Nossa instituição, por intermédio do Centro de Comunicação e Artes, é referência nacional indiscutível na área de fotografia e pioneira no ensino dessa arte em nível superior, com o primeiro e por enquanto único curso de Bacharelado em Fotografia instalado no Brasil. Natural, portanto, nossa associação a um mestre naquilo que as pessoas nos procuram para aprender. y Desde que os deuses protetores dos editores indicaram ao Cristiano a porta da Editora SENAC São Paulo e a mim a resposta certa, passaram-se quase dois anos. O resultado está aqui, apresentado pelo verbo sedutor de Ignácio de Loyola Brandão e compaginado pelo toque delicado de Marina M. W. Nakada. Um privilégio, juntar tantos talentos. Mais do que suficiente – somado ao enorme poder de persuasão do Cristiano – para justificar a excepcionalidade não de uma simples Nota do Editor, mas de um Ato de Fé assinado.

**Texto de A. P. Quartim de Moraes publicado no livro “São Paulo / Cristiano Mascaro” em 2000.**

---

**Amizades alinhavadas**  
**por Sebastião Salgado, outubro de 1995**

---

Meu primeiro encontro com Cristiano Mascaro aconteceu em Paris. Foi em 1970. Época de minha entusiástica descoberta do mundo das imagens. Queria passar das tabelas e gráficos da sociologia ao sonho sublime da materialização em fotografias dos sentimentos, das dignidades, dos sofrimentos e das esperanças.

Fotografar para mim seria algo diferente dos livros de economia, diferente das propensões marginais a consumir e das funções de produção; seria algo possante e pleno, como a imobilização de um sonho extravagante, um tanto engordurado para se deixar apreender naquela fração de segundo tão decisiva e essencial, na contínua curva dos fenômenos da vida.

Naquela época de devaneios, de viver navegando no ápice das ondas dos sonhos que se encadeavam com os estudos de economia e política, fatos aconteciam que me obrigavam, muitas vezes, a descer à realidade das coisas materiais, ou seja, da sobrevivência.

Uns mais, outros menos graves, mas que sempre traziam sua solução através de algum trabalho extra ou da conquista de uma ajuda financeira temporária, dada por uma organização de apoio a estudantes estrangeiros. Houve um momento, porém, que algo catastrófico se passou, imobilizando-me por bastante tempo na via do desvio da bruta realidade: roubaram meu objeto supremo de prazeres, a minha primeira câmera fotográfica. Estou falando da Asahi Pentax de Lélia, minha companheira.

Eu errava desnortado durante uma feijoada oferecida na incomum Casa do Brasil em Paris. Estava sofrendo no fundo da alma a minha (nossa) perda, quando me deparei pela primeira vez com meu futuro amigo. Ele estava ao lado de uma japonesinha linda e levava, como um sol bem cravado no centro do peito, uma sublime Nikon FTN preta, equipada com uma lente de 55 mm; a alça de couro que pendia do seu pescoço era um tanto curta, fazendo com que a câmera naquela posição tão alta desse a ele a aparência de um superatleta da imagem. O conjunto me transmitia um claro sentimento de que ele estava seminu, vestido apenas de suas ferramentas –ferramentas de imagem–, sendo levado por Satiko, sua mulher, a um pódio.

E isso tudo ali, bem na minha frente! E com tanta experiência! O que descobri nos momentos que se seguiram ultrapassava qualquer expectativa daquele sonâmbulo da fotografia que era eu.

Antes mesmo de terminar a universidade, ele já havia começado a trabalhar em uma grande revista brasileira e estava na Europa só afinando as cordas de seu instrumento já bem definido. Transitava entre a Suíça e a Universidade de Vincennes, em Paris, onde fazia o curso de análise semiológica, além de outro de sociologia do cinema e mais um de gráfica. Enfim, de coisas feitas para o adorno e engrandecimento das imagens.

Já havia feito também uma viagem como repórter pela Bolívia e pelo Peru. E, mais que isso, trazia consigo os louros dessa vitória, o prêmio que havia ganhado pela força de suas imagens em preto-e-branco. Ele era frágil e mais jovem do que eu, que tinha ali, na minha frente, uma espécie de herói-menino, alguém que havia aceitado o desafio.

Desde o início nos entendemos muito bem. As afinidades e as paixões eram praticamente as mesmas. E era tão importante trocar idéias com alguém que, saindo da universidade, havia deixado falar mais forte que a arquitetura as primeiras palavras, apenas balbuciadas, da fotografia, que podia deixar coabitar, de forma circular e compatível, a vida profissional e os sonhos desmedidos.

Quando Cristiano voltou para o Brasil com o objetivo de continuar sua carreira na revista Veja, eu ainda seguia o curso de pós-graduação em economia na Universidade de Paris. Uma verdadeira amizade havia nascido de nossas longas trocas de idéias e de alguns esboços de reportagem que fizemos juntos. Sua influência e sua generosidade foram determinantes no amadurecimento de meu querer fotográfico. Algo decisivo já se delineava em mim a favor do mundo das imagens. Após sua partida, ficou ainda por muito tempo uma lembrança concreta e tangível daquele nosso primeiro encontro: uma Nikon FTN preta, calçada de uma lente 55 mm, com a alça de couro bem curta e mais duas lentes iguaizinhas às do Cristiano que Lélia e eu conseguimos comprar depois de mil e um jeitinhos, apertos e economias.

Pude seguir de longe algumas de suas reportagens. Fiquei impressionado com seu trabalho no terrível incêndio do edifício Andraus, em São Paulo. Quando eu trabalhava na Organização Internacional do Café, em Londres, trocamos ainda alguma correspondência. Em 1973, abandonei a segurança do meu trabalho de economista e arrisquei no que era para mim desconhecido: o mundo da imprensa. Havíamos voltado a viver em Paris e perdemos por completo o contato com os Mascaro. Procurava em vão suas publicações. Só no ano seguinte, quando fiz algumas reportagens na Europa para a revista Veja, fiquei sabendo que Mascaro havia abandonado o jornalismo – por coincidência no mesmo instante que eu tinha começado a minha nova aventura de repórter.

No início dos anos 80 voltamos ao Brasil, depois de uma longa ausência. Através de amigos em comum, conseguimos localizar Cristiano e Satiko. Foram tempos de acertos e redescobertas. Os filhos eram uma nova experiência acrescentada às outras, a vida já não era a mesma e todos nós havíamos mudado em nossas profissões. Satiko, que tinha se formado na FAU em São Paulo e seguido cursos de pós-graduação em Paris, não exercia mais sua atividade: transformara-se em estilista e iniciava uma nova carreira nas artes da moda e com sucesso. Lélia, que também havia cursado arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris e urbanismo na Universidade de Vincennes, era agora diretora artística e trabalhava em uma revista de fotografia.

Eu, completamente afastado de minha antiga profissão, já me encontrava na agência Magnum, em plena atividade de repórter. O Cristiano mudara mais que todos nós; reaproximando-se da arquitetura, voltou para a FAU, onde era coordenador do Laboratório de Recursos Audiovisuais, e dava aula de fotojornalismo na Enfoco e de programação visual na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos.

Nada, porém, havia mudado nas afinidades e paixões que possuímos pelas imagens. Nossas trocas de idéias retomaram como se nunca tivessem sido interrompidas. Eu, com uma certa experiência de repórter que corria o mundo e trazia notícias de outros povos, como um andarilho desesperado; e Cristiano, como se tivesse centrado seu foco entre o passado acadêmico e a fotografia. Tinha agora uma barba negra e enorme, quase religiosa, e vivia numa incessante busca das coisas e formas da cidade.

Havia mudado de quadragem e de câmeras, agora mais pesadas, produzindo negativos maiores e de melhor qualidade. Desbravava São Paulo inteira em seus momentos livres, arrastando num carrinho de mão as pesadas máquinas, suas novas ferramentas de imagens.

Tive o privilégio de acompanhá-lo algumas vezes por suas longas andanças através da metrópole. Avaliava perspectivas, buscava ângulos de luz, formas urbanas, como que exorcizando um fantasma escondido numa selva de linhas de pedra, de vidro e de aço.

Acompanhava os cidadãos como um cirurgião buscando o fluido vital e ardente nas veias da cidade. Conseguia mergulhar nos interiores para captar as imagens das atividades dos grupos e das famílias, voltando em seguida à tona das perspectivas e praças de São Paulo.

Certa vez, nos arredores de Pinheiros, tive a nítida sensação de que Cristiano estava vivendo essa grande aventura que é descobrir a cada momento uma relação nova. Como quando na pontinha da língua se tem a sensação do ligeiro amarguinho da expectativa de que algo estranho e muito especial vai acontecer. Penso que isso é mais fruto da esperança e do estado de graça, que em alguns momentos só os fotógrafos imbuídos de não sei qual missão podem alcançar. Foi quando vimos uma criatura de sonho aparecer como por encanto em nossa frente pedalando uma bicicleta azul. Com os cabelos louros e muito longos, uma blusa transparente e um short muito curtinho, quase, quase nua. Deu duas voltas na rotunda, ali bem próxima, pedalando e pedalando, e depois desapareceu pelos parques e jardins da Cidade Universitária. Até hoje temos dúvidas: era algo real ou, quem sabe, apenas uma imagem fictícia materializada por alguns segundos, fruto talvez do extremo estado de graça em que meu amigo se encontrava na época?

Dessas longas peregrinações urbanas, quase um karma de paulistano “pioneiro Militão”, uma série de trabalhos fascinantes foi realizada: Bom Retiro e Luz: um roteiro, Paisagem paulistana, Retratos paulistanos, o livro na coleção As melhores fotos, com retratos de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Luís, uma dissertação de mestrado – O uso da fotografia na interpretação do espaço urbano – e uma tese de doutorado – A fotografia e a arquitetura. O conjunto dessas imagens é sem dúvida alguma uma das maiores contribuições para a fotografia de cidades.

Quando em 1988 abandonou o trabalho no Laboratório de Recursos Audiovisuais da FAU e a missão de lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, optando pela vida de aventuras de fotógrafo independente, suas imagens já se enveredavam, às vezes, por caminhos mais tortuosos que somente as ruas da cidade.

Com ele e Pedro Martinelli, amigo desde os primeiros tempos da revista Veja e parceiro de alguns de seus trabalhos sobre a metrópole paulistana, desenvolvemos longos e interessantes debates sobre a fotografia documental e a missão de vetor do fotógrafo de ligar grupos humanos distintos, fazendo com que aqueles que não têm a possibilidade de se acercar dos eventos, problemas e desigualdades sociais possam vê-los, na tentativa de ajudar a provocar um debate e a encontrar soluções, uma vez que a imagem é praticamente a única forma de escrita que não necessita explicação ou tradução: é uma linguagem universal.

Realizamos há pouco tempo, nós três, um trabalho coletivo. Viajamos juntos, tentando um esboço de reportagem da parte do trabalho sob minha responsabilidade. Foi quando vi que Cristiano tinha nas mãos uma câmera menor e mais leve. Que surpresa!

Era uma Leica R6 preta, equipada de uma lente de 60 mm, e levava ainda duas outras lentes, todas iguaizinhas às minhas. Naquele momento não pude deixar de pensar no interior de Minas: “Êta destino zombeteiro, alinhavador de amizades!”

---

## A cidade como espetáculo

por Rubens Fernandes Junior, dezembro de 1995

---

Não podemos ficar indiferentes diante de uma fotografia de Cristiano Mascaro, pois sua obra já representa um dos mais impressionantes e significativos registros iconográficos do nosso tempo. E para entender essa fotografia é necessário conhecer um pouco a trajetória profissional de Cristiano Mascaro, que com seu talento impetuoso e inventivo, sistematizou num imenso caleidoscópio visual a vida contemporânea das cidades brasileiras. Tal qual narrador literário, Cristiano é um atento observador das sutis diferenças do caos das grandes cidades: “seus elementos urbanos me servem como cenário para certas situações que gosto de fotografar e que transcendem a noção de tempo e de espaço”.

Para entender Cristiano é bom relatar seu primeiro contato com a fotografia. Sua infância na cidade de São Paulo, em plena década de 50, registrou a atmosfera da metrópole, ritmada pelo vai e vem dos bondes, dos automóveis, das pessoas já apressadas, dos arranha-céus... Era uma aventura fascinante, e esse incrível cenário lhe proporcionava grandes viagens, carregadas de mistérios e surpresas, que só a vivência e a observação poderiam desvendar.

Sua memória de infância é esse conjunto de imagens latentes do menino maravilhado com a paisagem da cidade, que hoje foram transformados em estímulos para Cristiano gerar e desenvolver um trabalho pessoal tão singular na fotografia brasileira contemporânea.

A fotografia e a arquitetura em sua vida só podem ser compreendidas se entendermos com atenção a importância do acaso que despertou e estimulou sua opção profissional. Apesar da expectativa familiar que o imaginava médico, o adolescente Cristiano ficou entusiasmado quando certa vez, num dia qualquer, voltando do Colégio Rio Branco para casa, se defrontou com um belíssimo casarão na Rua Maranhão. “Jovens sentados nos bancos namorando, um lindo jardim, uma atmosfera que jamais me faria imaginar que aquele lugar pudesse ser uma escola. Olhei para o enorme portão e li surpreso sobre uma placa: Faculdade de Arquitetura”. Pronto! A decisão estava tomada: Arquitetura.

A partir de 1964 tornou-se aluno da FAU-USP. Esse foi o início de um longo processo de aprendizado, descobertas, amizades e experiências. Aulas com Vilanova Artigas, Flávio Motta, João Xavier, Elide Monseglio, Benedito Lima de Toledo, Paulo Mendes da Rocha, Renina Katz, Flávio Império, a efervescência política e cultural de um momento especial para a história do Brasil. Cristiano tornou-se conhecido entre os colegas da FAU, como fotógrafo. Mas, a grande revelação, só aconteceu no meio do curso, diante das dúvidas de um futuro profissional.

### A descoberta

Cristiano passava horas na Biblioteca, fugindo das aulas, e foi lá, na caverna que o isolava do mundo, que descobriu que seria fotógrafo, após ver o livro *Images à la Sauvette*, de Henri Cartier-Bresson. Na coleção de imagens de Bresson, ele percebeu que estava diante de algo totalmente novo. Bresson potencializou o uso da fotografia como possibilidade estética e intuitiva de viver aventuras, de desvendar coisas, de conhecer mistérios, de fantasiar a realidade. Esse fascínio foi o impulso final necessário para Cristiano decidir-se pela fotografia. Esta opção fez lembrá-lo das curiosas experiências fotográficas do irmão mais velho, num laboratório improvisado, na antiga residência da rua Wanderley. Mais tarde, como todo estudante universitário dos anos 60, viajou para Bolívia e Perú, no famoso trem da morte, levando emprestada uma câmera PetriFlex do irmão. Nessa sua primeira relação efetiva com o universo da fotografia, registrou a paisagem, o folclore e a pobreza daqueles países.

Cristiano realizou seu primeiro trabalho como profissional, fotografando os ensaios de um espetáculo do Teatro de Arena, dirigido por Augusto Boal. Na sequência, a emoção da primeira fotografia publicada no jornal Amanhã, dirigido por Raimundo Pereira, “um operário de bicicleta saindo da fábrica”, recorda.

Essa iniciação através do teatro foi fundamental, pois trouxe a descoberta da subjetividade da “realidade”. Segundo Cristiano “aprendi que existe a realidade e que vou transformá-la em algo que não é mais real: a fotografia. Tenho que transpor essa realidade e criar uma fantasia, um cenário...” E todo esse raciocínio já tinha sido despertado na FAU.

Nessa época, ainda na biblioteca da faculdade, descobriu as revistas Camera e Life, e os trabalhos e as especificidades de vários fotógrafos, em que se destacavam: o cenário de Kértész, o silêncio de Atget, os retratos de Avedon, Diane Arbus e Irving Penn, o humanismo de Eugene Smith e o impressionante trabalho de Robert Frank.

### **Nasce o repórter fotográfico**

No último ano da faculdade, em 1968, Cristiano ganhou um concurso universitário de fotografias. Na comissão de premiação, composta por várias personalidades, estava Cláudia Andujar, fotógrafa da revista Realidade, quem ele teve oportunidade de conhecer. Isso foi suficiente para encorajar o jovem fotógrafo a procurá-la meses mais tarde. Com o endereço da fotógrafa publicado num catálogo de uma exposição realizada no Pavilhão do Ibirapuera, e sem aviso prévio, foi direto a sua casa: “lembra de mim?” Sou Cristiano que fez a foto do 1º lugar no concurso da FAU. Queria mostrar minhas fotografias”. Cláudia, com sua paciência e generosidade, solicitou um portfólio, e indicou o jovem e inexperiente fotógrafo para a nova publicação da editora Abril, a revista Veja, cujo editor de arte, George Duque Estrada, após análise do material contratou-o quase imediatamente.

Inicia-se o primeiro desafio profissional de Cristiano Mascaro: desenvolver o fotojornalismo numa revista que entrava no mercado com agressividade e novidades. Nesse ambiente que o jornalismo invadiu a vida do fotógrafo, que relata com satisfação as inúmeras reportagens realizadas no Brasil e no exterior. O trabalho mais marcante e tenso, lembrado por Cristiano Mascaro, diante do clima de guerra civil reinante no país, aconteceu quando viajou a Cochabamba, Bolívia, para fotografar o enterro do boliviano presidente Barrientos. Segundo Cristiano, foi a experiência mais emocionante e perturbadora que teve como repórter fotográfico, sem falar naquela vivida ao lado de Tão Gomes Pinto e Otávio Ribeiro, o Pena Branca, ao traçar o perfil do bicheiro Natal Portela: acabou preso em uma delegacia de Cascadura, em plena zona norte do Rio de Janeiro.

Na revista Veja ele aprendeu quase tudo. O fotógrafo tem que ter disciplina, disposição, vigor físico e coragem para abordar o desconhecido. Aprendeu ainda que a necessidade do fotojornalismo é uma imagem-síntese. Flagrar o essencial, que no caso da fotografia é o momento da mais intensa emoção. Desta fase Cristiano destaca ainda o que ele considera sua primeira fotografia urbana. Um cidadão anônimo emoldurado por enormes pilares de granito preto de um edifício na Praça da Sé.

Após esta experiência, foi morar por dois anos em Paris, período que pouco fotografou, mas que representar outro momento de intenso aprendizado. Nessa época nasceu a sólida amizade que mantém com Sebastião Salgado, que realizava seu Mestrado em Economia. Adorava estar em Paris e apesar de não sentir vontade de fotografar, do pouco que fez podemos destacar a imagem de um homem em desespero no trânsito da cidade, por ocasião da morte de Charles De Gaulle, numa atmosfera estranha e instigante, com forte influência de Robert Frank.

De volta ao Brasil, permaneceu por mais dois anos na revista Veja, até que em 1973, foi convidado para trabalhar no recém criado Laboratório de Recursos Audiovisuais da FAU. Ficou longos catorze anos. Por pouco não ganhávamos mais um burocrata insatisfeito e perdíamos um dos fotógrafos

mais brilhantes de sua geração. Simultaneamente (e ainda bem!), foi convidado para proferir palestra sobre fotojornalismo na *Enfoco*, escola mantida por Clodi Kubrusly, que também o convidou para realizar sua primeira exposição individual denominada *Paisagem Urbana*. Na *Enfoco*, conheceu a fotógrafa Maureen Bisilliat, que com sua exigência, rigor, capacidade de organização e edição, transformou e influenciou conceitualmente a fotografia de Cristiano Mascaro. Depois dessa iniciação tornou-se professor da escola.

Outro fato marcante: durante dez anos, de 1976 a 1986, foi professor de Comunicação Visual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. A convivência com jovens estudantes e com os colegas mais experientes lhe trouxe um novo e fundamental aprendizado, que lhe complementou a formação e o fez descobrir o prazer de ensinar.

Seu envolvimento com a *Enfoco* possibilitou conhecer também Pedro Martinelli, outra amizade duradoura e importante. Juntos eles desenvolveram um trabalho até então inédito na fotografia brasileira: a documentação do desaparecimento de um pedaço do Brás, tradicional bairro da cidade, decorrente das modificações urbanas e viárias provocadas pela construção do Metrô.

Cristiano usou, pela primeira vez, o equipamento Hasselblad, e a partir desse trabalho, começou imprimir seu potencial criativo. A coerência, a emoção e seu procedimento profissional revelam muita segurança e uma força irresistível na abordagem da cidade. As fotografias dos espaços urbanos e das fachadas já carregam uma luz especial, que posteriormente aprimorada torna-se marca registrada. Aliás, essa maneira de encarar a fotografia como a possibilidade de organização e criação espontânea de um momento é característica do seu modo de ver o mundo.

Os retratos de Cristiano também têm o compromisso de criar uma imagem pessoal e inédita. O retrato dos carregadores de farinha, por exemplo, é fruto da casualidade e da intersubjetividade entre o fotógrafo e seus personagens: “o momento mágico entre mim e os trabalhadores aconteceu quando percebi o potencial do retrato. Fui atraído por aqueles corpos sujos de farinha, pela parede como fundo e pela força natural dos retratados, que sintonizados entenderam a importância do registro e construíram essa pose fantástica, absolutamente imprevisível. O que me fascina na figura humana é exatamente esse duplo papel da criadora e vítima desse estranho universo”.

O estalão poético ocorre exatamente nestes momentos, quando o real, o subjetivo e a emoção entram em fina sintonia. É o momento da celebração, é o momento da tensão. No trabalho do Brás, Cristiano começa a perceber um outro universo da fotografia, desconhecido até então. Novo formato, nova linguagem, nova pesquisa, novas descobertas, novos resultados. Surge o universo da observação, da interioridade inscrita num outro tempo para produção de imagens. Surge a descoberta da fotografia como representação de um conhecimento e nasce o fotógrafo obstinado, que traz para o seu trabalho a inquietação dos nossos tempos, apesar dos rápidos avanços tecnológicos e da simultaneidade das cadeias de informação e entretenimento.

Mesmo que a burocracia da Universidade exigisse a mesmice do Laboratório de Recursos Audio-visuais, coordenado por Cristiano Mascaro, ele sempre procurou desenvolver um trabalho que lhe trouxesse de volta à paixão que a fotografia lhe despertava como possibilidade de expressão. A existência de alguma coisa entre o fotógrafo, sua vida e a realidade, provocou em Cristiano o desejo de encontrar um diferencial para seu trabalho. A paisagem urbana e humana não é convidativa para o olhar apressado e insolente. Ao contrário, ela é fascinante para quem quer interpretar e materializar no tempo, seu valor distintivo, sua atmosfera cultural e sua intimidade social. Por isso, ele ressalta: “sou capaz de dar voltas num quarteirão durante meses, só para perceber as distrações do cotidiano e descobrir imagens”. Só isso já mostra a garra e o entusiasmo que Cristiano tem com seu trabalho.

A cada trabalho realizado fora do Laboratório de Recursos Audiovisuais, driblando os obstáculos da burocracia, mais segurança ganhava e mais se consolidava como um fotógrafo de cidades. Mesmo assim, simultaneamente, concluiu seu Mestrado desenvolvendo um ensaio sobre a Avenida São João, momento que teve a oportunidade de refletir sobre seu próprio trabalho. O uso da fotografia na interpretação do espaço urbano, mostrando a importância dessa linguagem para a formação do arquiteto, que revela uma forma crítica de ver e o estudo do desenvolvimento da percepção a partir da criação de uma imagem fotográfica.

Os trabalhos realizados neste período provocaram uma outra descoberta: fotografar era muito prazeroso e viver da fotografia seria a melhor situação que poderia ocorrer naquele momento. Cristiano conta que apesar do respeito à Universidade, não tinha mais nada em comum com as obrigações exigidas por ela. “A necessidade que sentia como fotógrafo era sair para a rua e fotografar a cidade, o que a Universidade julgava um puro e indevido lazer”, lembra ele.

### **A experiência como fotógrafo independente**

A primeira grande oportunidade de partir para um trabalho independente mais consistente veio com a realização das fotografias para os Relatórios Anuais do Banco Francês e Brasileiro, em que desenvolveu ensaios livres em seis cidades do país - São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, São Luís, Rio de Janeiro. Em 1988, também assumiu a documentação do restauro do Teatro Municipal de São Paulo, que desencadeou trabalhos semelhantes nos teatros de Manaus e Fortaleza.

Inicia-se então uma nova fase para Cristiano Mascaro. Finalmente sai da Universidade e da crise dos quarenta anos, partindo para novas descobertas. Uma forma de viver, que não é patrão nem empregado; que tem o tempo para administrar; que não pode reclamar; e que tem o privilégio de viver como fotógrafo com dignidade. Uma incrível e estimulante experiência para quem tinha a vontade de acertar fazendo fotografia.

Foi um marco importante e simbólico na carreira do fotógrafo, pois aquele entusiasmo juvenil detonado a partir das imagens de Cartier-Bresson chegara à maturidade. Para Cristiano, a fotografia é encarada como “uma eterna aventura, renovada e revigorada ao longo dos anos de trabalho. As incursões que faço pela cidade observando os edifícios e ruas, percebendo a paisagem se modificar com o andamento da luz, perseguindo as pessoas que caminham por todos os lados, retratando personagens e lugares que jamais conheceria ou sequer perceberia se não estivesse com a câmera fotográfica”.

Em 1989 teve a oportunidade de publicar, pela primeira vez, um livro autoral, *As Melhores Fotos/The Best Photos*, com sucesso na mídia e na crítica. Cristiano deixa claro que trabalha com a câmera como se estivesse criando o seu mundo, a partir de um jogo combinatório que exige um acurado senso de percepção da imagem, assentado em pelo menos três níveis que coexistem no momento do seu registro: o da realidade, o da percepção e o do imaginário sensível. Nada de cenas violentas, da miséria extrema, dos contrastes fáceis e óbvios do real. Ele busca o que ninguém foi capaz de perceber. Instantes efêmeros e fugazes que o acaso iluminou numa fração de tempo e que sua experiência de explorador é capaz de tornar visível.

Esse apurado senso de observação somado à disciplina e à curiosidade, leva o fotógrafo a estar sempre atrás de imagens. Com a câmera, o impulso e a ousadia surgem naturalmente. Para Cristiano, esse momento da transfiguração é um exercício irresistível: “sou capaz de bater na porta de alguém desconhecido e pedir para entrar só para fazer um retrato; na rua, também me encorajo e transformo-me num diretor de cena, convencendo, conversando, fotografando. Aquelas pessoas anônimas, massacradas pelo cotidiano transformam-se em figuras monumentais, dignas e batalhadoras. Merecem nosso respeito”.

Essa ousadia fica evidente no ensaio sobre casas brasileiras, que desenvolveu para a revista *Cláudia* publicado quase integralmente por ocasião do seu 30º aniversário. De Belém até Pelotas, percorreu o país durante quase dois meses, registrando a moradia do brasileiro. Nesse trabalho, que lhe valeu o Prêmio Abril de Fotojornalismo, 1992, está presente toda sua coragem e sua experiência, elaborando um ensaio da mais pura ficção extraído da fascinante idéia de realidade. Os arranjos internos das casas e suas sutis diferenças foram recriados por Cristiano que somente se apropriou do espaço e da luz mágica do momento, para eternizar a simplicidade de um cenário desconhecido e fantástico.

### **O acaso e o imponderável**

Ao anos 90 continuam com boas propostas e o reconhecimento de um trabalho sério, comprometido e preocupado em documentar a vida nas cidades. Não importa se o trabalho é encomendado, pois Cristiano, com seu jeito aparentemente tímido, acaba convencendo sempre que trabalhar com liberdade é condição essencial para se criar algo inovador. Foi assim que realizou uma série de fotografia sobre trabalhadores brasileiros para a campanha publicitária de um banco, concretizando o sonho romântico de voltar a fazer grandes reportagens em 35 mm. Foi também com esse espírito que chegou a ser um dos vencedores da Bolsa Vitae 90 e a desenvolver e defender sua tese de doutorado na USP, A fotografia e a arquitetura cujos resultados são parte deste livro.

Para esses trabalhos Cristiano usou da mesma metodologia, ou melhor, um plano preestabelecido. Ele não gosta de definir um método, pois fotografia significa criação e conceitualmente não existem receitas para a criatividade. Se para Pablo Picasso “criação é antes de tudo um ato de transgressão”, para Cristiano criação é também a busca de situações imprevisíveis, quando o fascínio da descoberta e do imponderável traz o inegável prazer das conquistas de imagens inesperadas.

O que Cristiano consegue determinar previamente é o equipamento, seus inúmeros acessórios e o filme. O início do trabalho é precedido de um ritual: acordar bem cedo; andar muito a pé, a velocidade ideal para a descoberta das sutilezas do cotidiano; observar atentamente os caminhos da luz; perceber os fluxos das pessoas, as fachadas e os detalhes dos edifícios, ora escondidos pela incidência da luminosidade, o conjunto das ações; e finalmente, esperar pelos acontecimentos, com a impressão de que foi o primeiro a chegar. Apesar dessa prévia e frágil organização, o acaso pode acontecer a qualquer instante, e às vezes até antes mesmo de chegar ao local a ser fotografado. E tudo aquilo que fora planejado, é envolvido por desvios aleatórios e, porque não dizer, saudáveis.

Esse trabalho, sempre solitário na maioria das vezes, envolve exploração, paciência, reflexão, e muito cuidado para evitar a repetição. Segundo Cristiano, “estas descobertas representam o ponto fundamental de meu envolvimento com a fotografia. Dispensando qualquer aparato técnico que me possa inibir e mesmo perturbar o curso natural das coisas. Caminhando pelas ruas, observando seu movimento e batendo nas portas das casas, vou ao encontro de algumas coisas que jamais imaginei que poderiam existir”.

O trabalho de Cristiano Mascaro é marcado por um romantismo e por uma atmosfera absolutamente genial. O fotógrafo não quer uma cidade pitoresca, e sim registrar as suas diversidades que se multiplicam em plena luz do dia. Uma profusão de imagens como um grande espetáculo da vida urbana, uma massa de atividades individuais que generalizam a vida e a energia da cidade, e que fazem o real parecer mágico e estranho, em qualquer cidade do país. É assim que ele vê as cidades através de sua Hasselblad, para imaginar o seu mundo. As cidades são uma desordem permanente, onde tudo - pessoas, automóveis, arquitetura, nuvens, sol - está num terrível descompasso, onde cada elemento pertence a mecanismos diferentes sobre os quais não temos controle. De repente, num momento de magia e de prazer, as coisas se harmonizam, e o que ninguém viu, transforma-se numa imagem de Cristiano Mascaro. Ele consegue, numa fração de segundos, construir uma forma

de veracidade.

Cristiano Mascaro é o nosso fotógrafo de cidades. Ele trabalha a memória urbana com inquietante precisão e complexidade. Apesar de ser, por excelência, o fotógrafo da cidade de São Paulo nestes últimos 25 anos, prefere ser identificado como fotógrafo de cidades. Mas é difícil alguém fotografar São Paulo com tanta liberdade, competência, originalidade e prodigiosa imaginação. Ele flagra a cidade como um espetáculo transitório e único que, fixado na fotografia, ganha a magnitude de representação real.

É incrível como Mascaro registra o cotidiano das ruas e dos interiores, dos pequenos encontros e dos desencontros, nesse turbilhão, nesse caos, nessa desordem permanente que são as cidades metropolitanas. É sempre um desafio aos olhos entender sua fotografia, marcada não pela repetição, mas pela poesia e pela surpresa.

Ao contrário do carioca Militão Augusto de Azevedo, que fotografou São Paulo com simplicidade e produziu num espaço de 25 anos, o famoso Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, ao contrário do suíço Guilherme Gaensly que registrou a euforia da cidade na virada do século com a finalidade de documentar as transformações urbanas provocadas pelo regime republicano e eternizar a metrópole emergente; o paulista Cristiano Mascaro fotografa São Paulo para valorizar sua exuberância, desvendando aos poucos o mistério, o fantástico e a magia do imponderável.

Longe dos excessos, como Atget em Paris no início do século, Mascaro coleciona imagens registrando ora o inesperado diante do vazio, ora a plenitude do silêncio. Tal qual um flâneur, anda pelas ruas da cidade buscando a riqueza e a variedade de um tema aparentemente único. André Breton, um dos papas do surrealismo, afirmava que “a rua é o único campo legítimo de experiência”, e Mascaro sabendo disso potencializa o espaço da cidade como cenário de um teatro de improviso onde a melancolia, a excitação alucinada e a imprevisibilidade compõem sua representação. Essa visão, ao mesmo tempo precisa e complexa, transforma-se nas características essenciais do seu trabalho: curiosidade, procura e descoberta.

Aos poucos algumas fotografias de Cristiano Mascaro adquirem o status de verdadeiros ícones do nosso tempo. A fotografia do Viaduto do Chá visto do alto, expressa no fluxo contínuo dos seus personagens, nas sobras expressionistas e nas linhas inclinadas, o mundo de contingências, de transitoriedade e de encantamento típico da pós-modernidade. A fotografia da Avenida São João, vista do topo do edifício Altino Arantes (antigo Banespa), mostra os paradigmas que enriquecem a totalidade do seu olhar: a sutileza e o equilíbrio das linhas, dos volumes, dos movimentos e do jogo de luz e sombra. Algumas fotografias revelam uma total ausência de referência e um assumido ponto de vista estético; outras, como os seus retratos, transformam o mais simples dos cidadãos num misterioso e expressivo personagem.

Robert Doisneau, uma das suas influências, falando de sua abordagem na cidade de Paris, afirmou: “Paris est un théâtre où on paie sa place avec du temps perdu”. Mascaro persegue, com paixão de um principiante esse momento único de organização do caos urbano. Ele cria um universo sem glamour e um sistema de representação em que predominam a imaginação e a celebração da tensão limítrofe entre a ordem e a desordem.